

O ARTIVISMO NAS ARTES MARCIAIS: ATIVISMO E PERFORMANCE ENTRE GAROTAS NEGRAS LUTADORAS NO BRASIL

Antonia Gabriela Pereira de Araujo¹

Resumo: este artigo discute como jovens negras nas favelas do Rio de Janeiro ativam a corporeidade como território de arte e ativismo a partir das artes marciais. Partindo de tensionamentos e fissuras nas noções de ativismo, feminilidade/masculinidade e das concepções de gênero baseadas em quadros normativos do Pensamento Ocidental, discuto partes importantes da minha tese onde as experiências vividas de garotas jovens com o boxe se tornam um lugar seguro para seguirmos os rastros de um projeto político do que é "Ser" e "Se tornar" uma mulher negra no Brasil. Minha tese analisa como Jovens garotas negras estão transformando seus territórios-corpos em terrenos políticos de expressão de uma subjetividade negra dissidente em relação a lugares socialmente normalizados, generificados, racializados e estigmatizados. O objetivo é vislumbrar a corporeidade negra como território político não somente na prática dos esportes, mas como manifestação dissidente que incita e frissura as estruturas normalizadoras e "representativas" que tentam simplificar e enfraquecer as "respostas criativas" (FERGUSON, 2000) ou as "fabulações críticas" (HARTMAN, 2008) dos sujeitos negros ao colocar o corpo negro absolutamente como lugar de dor, trauma ou de prazer para os olhos do Ocidente.

Palavras-chave: corporeidade, garotas negras, ativismo, artes (marciais.)

¹ Pós doutoranda em estudos Afro Latino Americano na Universidade de Harvard. Formação: doutora antropologia social UFRJ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9568971405626954>. E-mail: apereiradearaujo@fas.harvard.edu.

ARTIVISM IN MARTIAL ARTS: ACTIVISM AND PERFORMANCE AMONG BLACK GIRLS FIGHTERS IN BRAZIL

Abstract: this paper discusses how young black women in the favelas of Rio de Janeiro activate corporeality as a territory of art and activism through martial arts. Starting from tensions and fissures in the notions of activism, femininity/masculinity, and the conceptions of gender based on normative frameworks of Western Thought, I discuss essential parts of my thesis where the lived experiences of young girls with boxing become a safe place to follow the tracks of a political project of "Being" and "Becoming" a black woman in Brazil. My thesis analyzes how Young black girls are transforming their body-territories into political terrains of expression of a dissident black subjectivity in relation to socially normalized, generified, racialized, and stigmatized places. The aim is to glimpse corporeality as a political territory not only in the practice of sports but black subjects as avatars, that is, as dissident corporal manifestations inciting and fracturing the normalizing and "representative" structures that try to simplify and weaken the "creative responses" (FERGUSON, 2000) or the "critical fabrications" (HARTMAN, 2008) of black subjects by placing every black body as a place of pain, trauma or pleasure for the eyes of the West.

Keywords: corporeality, black girls, activism, martial arts.

Introdução: constituindo a epistemologia da garota negra

Hoje é 18 de março de 2018 e estou no meio de 2 mil pessoas que ocupam a Avenida Brasil no Rio de Janeiro. Encontrei um dos treinadores de boxe do Complexo da Maré, Roberto que é ativista negro, boxeador profissional e um dos colaboradores da minha pesquisa de doutorado. Estou em prantos, dilacerada, mas eu acho que ele está ainda mais oprimido e assustado do que eu por esta “nova realidade.” Esse é um dos maiores protestos locais contra o assassinato da parlamentar e ativista negra Marielle Franco. Eu havia combinado com algumas boxeadoras de encontrá-las neste ato, mas nenhuma delas estava presente. Essas ausências me trouxeram indagações.

(ARAÚJO, A.G.P de. Trechos retirados dos Cadernos Vermelhos, Pág. 25. Ano 2018)

Hoje é 19 de março de 2018, um dia após o protesto, e vou, ainda com o corpo cansado, para o ginásio de boxe localizado próximo a mesma Avenida onde aconteceu o ato e onde costumeiramente encontro as boxeadoras. A Avenida Brasil está transitável, os carros correm em alta velocidade, os grafites e pichações nas paredes dos comércios gritam “Marielle, presente” e revelam o que houve no dia anterior. Dentro do ginásio os sons de rap aceleram os corpos das jovens garotas que treinam. Aquela é a primeira vez que encontro as boxeadoras depois do crime contra Marielle Franco e ao tentar, reciprocamente, nos consolarmos uma das boxeadoras, Miriam, 31 anos, é enfática: “Estamos lutando sempre, a luta não pode parar e aqui criamos força, eu não vou parar de treinar, agora mesmo que é hora de ser raçuda e não desistir dos nossos sonhos.”

(ARAÚJO, A.G.P de. Trechos retirados dos Cadernos Vermelhos, Pág. 26. Ano 2018)

Estes trechos retirados dos meus cadernos vermelhos (espécie de caderno de anotações emotivas/políticas dos diálogos feitos durante a pesquisa), mais do que servir de mote, é uma pró memória para uma das questões e objetivos centrais que este artigo pretende perseguir, qual seja: O quanto de ativismo há nas artes marciais e o quanto de movimento corporal há no ativismo de jovens garotas negras? O material que irei trabalhar neste artigo é resultado da minha pesquisa de tese de doutorado defendida em 2021 e que teve como uma das teorias centrais as corporeidades das garotas negras como reveladoras de histórias políticas duradouras e persistentes. Em especial na minha pesquisa, eu mostro como essas histórias corporais evidenciam a sobreposição de estruturas de raça, de gênero, geração e classe sendo feitas continuamente e envolvendo Terceiro setor, o Estado e programas nacionais, como os programas de pacificação da polícia (Unidades de Polícia Pacificadora).

Realizei durante 4 anos uma pesquisa engajada usando métodos de pesquisa qualitativas, entrevistas e pesquisa de arquivo. A pesquisa iniciou em 2016 no

Complexo da Maré, três anos após o estabelecimento das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) nesse território. O aumento da presença de jovens dessa comunidade praticando artes marciais no mesmo período da implementação de programas de militarização desses espaços, chamou a minha atenção, e eu queria dialogar com o que aquelas garotas negras estavam fazendo com os seus corpos nesses contextos de “clima de guerra”, então eu decidi perseguir as corporalidades que estavam sendo feitas naquele momento no Complexo da Maré, em especial acompanhando o cotidiano de garotas negras dentro e fora dos ginásios de artes marciais, especialmente observando a prática do boxe.

No decorrer da pesquisa, em 2018, fomos todos aterrorizados e aterrorizadas com o assassinato da jovem parlamentar negra e lésbica, moradora do Complexo da Maré, Marielle Franco. O modo como essas jovens garotas negras reagiram a esse assassinato (trecho descrito acima), pode colocar em debate formas de ativismos comunitários constituídos por processos corporais criativos que revelam não somente frissuras e tensões de estruturas de gênero racial, como também expressam formas de atuação política a partir de um projeto de autodefesa que se faz coetâneo ao processo dessas jovens garotas "se tornarem" mulheres negras. Afinal, como a militarização e a violência extrema nos/dos seus cotidianos estava impactando nos processos corporais experienciados por elas? Mais importante do que essa questão, queria perseguir o que acontecia nas suas práticas corporais naquele momento porque, se por um lado: *“a implementação dos programas de Unidades de Polícia Pacificadora estava ampliando e intensificando um estado de penalização ampliado no Brasil”*, conforme escreveu Marielle Franco na sua dissertação defendida em 2014, por outro lado interessava para mim visualizar as corporalidades das garotas negras naquele território e como elas estavam reagindo e re-significando esses contextos de violência racial a partir dos seus corpos e corporeidades.

Outro ponto que gostaria de destacar é que na minha tese a categoria "garotas negras" é uma reivindicação e uma escolha epistemológica que eu faço. Não é uma infantilização, de jovens ou mulheres negras, mas quero evitar a adultização precoce das garotas negras e evitar relegar a elas lugares estigmatizados. Eu considero relevante para os estudos da diáspora negra, a necessidade de compreender a complexidade da teorização da adolescência negra para uma melhor visualização do

que permeia e complexifica "ser" e "se tornar" mulher negra na Diáspora negra, igualmente "ser" e "se tornar" homem negro. Além disso, é preciso estarmos atentos nos nossos estudos a como podemos estar adultizando garotas e jovens negros, sem cautela analítica para diferenciar e entender que geração se trata de um diferenciador crucial para o entendimento das vidas de sujeitos negros na fase adulta.

Assim, defino a categoria *garotas negras* como central metodologicamente e analiticamente, para vislumbrar o valor e a potência da "posse de si mesma" nos contextos da racialização, além de ser uma chave para colocar de uma vez por todas a pauta do corpo, geração, gênero, território e raça de volta na equação dos Estudos feministas. Enquanto os esforços das intelectuais feministas se voltam para criar espaços para as análises interseccionais nas discussões acadêmicas sobre feminismo, educação, história, literatura, trabalho comunitário e o futuro, na maioria das vezes é subsumido, invisibilizado e esquecida "as garotas negras", contribuindo para uma formação discursiva que desvaloriza sistematicamente as "respostas criativas" dessas pessoas, contribui para a adultificação delas, inclusive, atrasando e dificultando a criação de políticas públicas para esse grupo, já que não nomea-las como garotas negras gera o esvaziamento das suas ações de praticamente todo significado social, histórico e cultural. Nesse campo de contrapontos trago a perspectiva de gênero, geração e raça como crucial, uma vez que conjuga o corpo negro das garotas negras como um local fonte de subjetividade subversiva e convicções políticas e espirituais.

Assim, persigo o foco na *garota negra* como esse lugar onde se inicia a aprendizagem da fuga e igualmente se abre o portal de acesso político e espiritual para a posse de si. Nas entrevistas com as garotas de idade entre 16 a 32 anos, todas narraram experiências de racismo vivenciados na idade entre 11 a 16 anos e foi essa a faixa etária que elas iniciaram no boxe ou pensaram em praticar artes marciais. Afinal, como a racialização sofrida na adolescência negra influencia a composição das suas corporalidades e subjetividades na vida adulta? Como os efeitos da racialização na adolescência somada às experiências vividas de militarização das favelas forjam de modo incisivo a visão que essas garotas têm de si, a visão que elas têm de liberdade e o que elas podem fazer a partir do que possuem: seus corpos na relação com o estado, com as suas famílias e com as suas comunidades?

Vale lembrar por fim que a utilização do universo do boxe é apenas um ponto de partida para as reflexões mais amplas e diversas que farei, é um microcosmo, mas que extrapola esse universo, como irei mostrar o boxe é somente mais um local dentre outros que mostra de forma concreta uma metafísica, uma corporalidade/subjetividade e um ativismo que envolve princípios e valores que transcendem a memória cultural, envolve memória corporal, ancestralidade, e arquivo ancestral.

Participaram desta pesquisa 25 garotas negras mas, diretamente, concedendo entrevistas e conversas informais foram 15 de três diferentes grupos de interlocutoras (alunas de boxe, boxeadoras profissionais e amadoras) e que frequentavam, também, ambientes diferentes. Apesar da maioria ser moradora de Nova Holanda, outras poucas jovens encontrei em campeonatos que ocorreram nesse bairro, mas que são moradoras de bairros vizinhos como o Complexo do Alemão. Há 4 interlocutoras que conheci nos Campeonatos de Boxe no Rio de Janeiro, mas que não são de Nova Holanda. Essas 4 interlocutoras, são boxeadoras amadoras que residem nas seguintes regiões: Méier, Complexo do Alemão e Tuiuti. Nossos encontros e conversas aconteciam em situações diversas, como treinos, salas de campeonatos, corridas nas ruas, na cozinha e em outros espaços mais públicos do que domésticos. Com uma sequência variável de assuntos esses encontros eram sempre regados por sorrisos e descontração e quando aconteciam em formato de entrevistas semiestruturadas quase sempre os temas me comoviam o que motivava uma troca de experiências e vivências que estreitava mais ainda nossas relações e nossos territórios em comum. Segundo Verônica Fabrini de Almeida no seu texto "Outras Cassandras e as classes perigosas" onde faz a defesa de uma produção científica feminista demolidora no que diz respeito à racionalidade científica, dominante nos meios acadêmicos, a etnografia aqui presente se voltou para,

um modo alternativo de operação e articulação onde a superação da ideia da produção de conhecimento como um processo racional e objetivo deu lugar para uma busca de novos parâmetros de processos que incorporem a dimensão subjetiva, emotiva e intuitiva, que busquem ultrapassar a divisão corpo/mente, sentimento/razão. Um modo feminista de investigar que pede o envolvimento entre sujeito e objeto, numa mútua interação, onde não há um método pronto, onde o caminho se faz ao caminhar (2019, p.19).

Nesses termos, a relação com treinadores, público e espectadores de campeonatos, academias de boxe, alunas e adolescentes, se construiu através dos percursos etnográficos que se deram em mais de 3 ambientes (ruas, salas de treino, casas das atletas e campeonatos) e foi totalmente acompanhada de gravações sonoras, registros imagéticos e filmagens espontâneas e informais. O registro visual foi uma ferramenta metodológica do meu campo em que se estendia para conversas sobre o boxe, além disso trabalhei, também, essas imagens e algumas fotos das redes sociais como provocações para levarmos a sério questões centrais dos aspectos da ficção e realidade, criação artística, representatividade, posicionamentos políticos e as afro-fabulações a partir das visões das jovens boxeadoras.

O quanto dança o corpo que luta?

Conceituando a performance da luta entre garotas negras

Não é atual o tema do corpo atlético negro como alvo de racismo e racialização nos esportes, mas atualmente se tornou crescente os números de manchetes internacionais, os temas de livros e de filmes retratando os inúmeros casos em que os(as) atletas negros(as) são animalizados e desumanizados nos esportes. A produção sobre esse tópico, em diferentes textos literários, interessa como repertório sociocultural e histórico para enfatizar a ressonância dos casos de racismos em arenas e quadras desportistas para atos de protestos públicos e para o ativismo desde uma perspectiva racial nos esportes. As movimentações e mobilizações, principalmente nas redes sociais, em torno do combate aos atos de racismo nos esportes, atualmente, vem surgindo como vitrine e termômetro dos contextos das desigualdades raciais em diferentes nações, como no último caso do jogador de futebol do Real Madrid, Vinicius Junior, que foi expulso do jogo por reagir aos ataques racistas que recebeu da torcida adversária. Mas faz-se oportuno lembrar que o mais antigo caso de racismo e ativismo nos esportes é o do Boxeador Muhammad Ali, na década de 1960, quando o ícone do boxe se recusa a se alistar e a lutar na Guerra do Vietnã, devido a sua desobediência ele foi insultado em sua cidade, rejeitado em

restaurantes e mesmo apesar de ter conquistado o ouro nos Jogos Olímpicos de Roma foi despojado de seus títulos e preso durante um curto período. Desde esse evento histórico até os dias atuais, as manifestações e protestos contra o racismo direcionado para atletas negra/os não se traduziram em mudanças concretas, por exemplo, em um maior engajamento e responsabilidade racial das organizações e federações das diferentes modalidades esportivas com a comunidade negra.

Apesar dos silenciamentos dos grandes órgãos desportistas mundiais sobre os casos de racismo com os e as atletas negros/as, é possível visualizarmos esses sujeitos como detentores de respostas criativas atuando a partir dos esportes como local de produções corporais dissidentes e transgressoras das tensões "normalizadoras" dos seus corpos? Para entrarmos nessa inquietação política/intelectual, vamos fazer uma mirada para os estudiosos da área. Os estudos propostos por historiadores, antropólogos e sociólogos na linha dos estudos de esportes e sociedade operacionalizam categorias de raça, corpo, gênero, nacionalismo e relações identitárias e políticas (SUGDEN, 1996; WACQUANT, 2002; ENCINOSA, 2004; REEJHSINGHANI, 2009; ADELMAN, 2014; BERTÉ, 2016) de modo a evidenciar como o campo esportivo é um local que os mitos coloniais sobre os corpos negros expressam-se com maior clareza com o discurso da/o atleta negra/o "resistente", "vitoriosa", "guerreira" tornando o corpo negro como um repositório fundamental para os desejos contemporâneos e os medos sobre a negritude (HARTMAN, 1999). Alguns destes estudos fornecem esforços epistêmicos para o entendimento do contexto histórico e político esportivo como um espaço que vale a pena habitar não somente para perseguir produções corporais permeadas por estruturas de classe e raça (WACQUANT; 2002; REEJHSINGHANI, 2009), mas também como um território fecundo para as discussões em torno do corpo feminino atlético e de identidades que evidenciam as tensões de gênero e sexualidade (ADELMAN, 2014; GOMES, 2020). Me referencio nestes autores, mas também vou além deles buscando investidas teóricas para me apoiar num aporte analítico que possibilite evidenciar como as produções corporais, neste caso, especialmente nos esportes, transcendem e re-significam os discursos elaborados de racialização, hipersexualização e estereotipação dos corpos atléticos negros como corpos animalizados, isto é, atuando como território de ativismo e ação política.

Por exemplo, gostaria de me deter neste ponto para explicar, a partir de um exemplo, ao que me refiro quando digo as “produções corporais transcendem os discursos elaborados de racialização.” Existe um jogo performático e eu diria cinestésico entre as praticantes de boxe que envolve a tríade corporal cabeça, tronco e membros, essa tríade é uma coordenação performática executada por qualquer boxeadora que inicia os treinos de boxe. O movimento de coordenar a cabeça, o tronco e os membros de um lado para o outro é chamado de gingado no boxe. A execução desse movimento chamado gingado é efetuada na circundação com o tronco e a cabeça de um lado para o outro e com a variação de movimentos de braços e pernas alternando para um lado e para o outro. Esse movimento é efetuado com fluidez pelas praticantes de boxe quando elas possuem alguns anos de treino e elaboram seus modos particulares de gingar.

O treinador Roberto diz que uma boa boxeadora sabe gingar quase dançando. E é comum entre as praticantes de boxe dizerem “as boas lutadoras de boxe são boas dançarinas.” As mãos, a cabeça e o olhar se movem ritmicamente num gingado bem executado. As mãos com as luvas ficam alternando na altura da bochecha e da testa, a cabeça precisa estar protegida, pois se o adversário ameaçar bater a cabeça não será o primeiro alvo. O queixo deve estar levemente inclinado para baixo, mas com o olhar para frente no adversário. Se as mãos não acompanharem o movimento da cabeça o nocaute pode abrir uma fratura no nariz, na boca ou no queixo. Mas, necessariamente, o bom gingado não quer dizer se mover de um lado para o outro sem deixar o corpo em estado de repouso, pode ser um estado de movimento quase com o corpo parado, mas em que a atleta confunde o adversário sem aparentemente tirar os pés do lugar, somente numa cadência de olhar e de movimento de cabeça e tronco de um lado para o outro.

Como na imagem abaixo, onde Miriam ginga para enganar o seu adversário.



O gingado do corpo que boxeia. Foto do Arquivo de imagens de Antônia Araújo, 2019.

Estão presentes na prática do gingado diversos elementos de consciência motora. Por exemplo, a construção da ondulação a partir da consciência do enrolar e desenrolar a coluna, para manter a guarda do corpo. Outra referência é a noção de pés enraizados e braços enquanto extremidades conectadas a todo corpo, que se apresenta no gingado a partir da orientação para a manutenção harmônica da postura ereta e móvel, e os braços, mantendo clareza sobre as forças opostas (para cima e para baixo) em ação e que possibilita um ficar em pé equilibrado.

Essa relação gravitacional é retomada em diversas partes da técnica do gingado e do footwork ou trabalho de pernas. Na circundação de pés, onde se executa movimentos no plano baixo dos pés, o movimento exige, sobretudo, orientar o fluxo dos pés para baixo mantendo o apoio no chão. Trata-se de girar o corpo com os pés, com as extremidades inferiores, garantindo a passagem de força da coluna para o quadril e conduzindo assim a energia de cima para baixo mantendo a necessária pressão do corpo no chão, através dos pés. Por fim, o encontro das duas técnicas, gingar e fazer o jogo de pernas, gera uma performance similar a uma coreografia. Atentando-se para sua feição rítmica, percebemos que o gingado tem uma estrutura contínua e constante que possibilita manter os movimentos em fluxo ondulatório e

em contínua relação com o ritmo. Não por acaso, o gingado é definido como uma técnica de enganar o oponente, deslocando ritmicamente as partes do corpo com movimentos ondulatórios. Somada ao gingado a tática de movimentação de pernas, a cada pé que pisa, uma ondulação subsequente ocorre no tronco, quadril e braços ao longo do corpo.

No fim do movimento, temos braços, tronco e cabeça se movimentando. Como parte fundamental da atuação das boxeadoras, a técnica do gingado altera os estados dos corpos envolvidos na luta. Nesses termos, o gingado atua na instauração de um fluxo próprio entre boxeadora, público e adversária. Advém também desse conjunto a respiração. Quando os braços de Miriam ganham fluibilidade no espaço, o tórax se enche de ar e diminui o peso do corpo, isso faz com que a mesma consiga nocautear com mais velocidade e agilidade. Em certa medida, a performance dos braços de Miriam exprime exatamente um corpo leve, mas de soco pesado, pois quando os braços ganham autonomia em relação ao tronco e às costelas, ganham fluibilidade e ampliam seu volume e campo de ação, de modo que o soco se alarga e consegue ter maior velocidade. Além disso, o movimento de gingado envolve um certo “nível de intimidade” com o corpo e com o boxe.

A corporeidade negra pela lente dos estudos afro-brasileiros e dos black studies

Segundo Leda Maria Martins sobre o conceito de performance em que o corpo, físico e simbólico, vivencia o mundo e dialoga com ele a partir de expressões corporais que não somente exprimem a materialidade do continuum histórico, mas também re-encena, re-modela e re-significa na experiência vivida cotidianamente corporeidades que transcendem a determinação binarista do pensamento Ocidental colonialista, imperialista e escravagista, podemos perceber como a prática do gingado e os jogos de pernas das boxeadoras são metáforas e modalidades performativas para entender como essas jovens negras estão criando suas respostas criativas e fabulações críticas para (re)fazer e/ou desfazer estruturas que racializam e estigmatizam seus corpos.

Já olhando para o conceito mais metodológico de fabulação crítica conforme elaborado por Sadyia Hartman em seu texto *Vênus em dois atos* (2020), onde ela leva a sério a necessidade da imaginação e encenação na pesquisa nos/dos arquivos, isto é, o que Hartman quer vislumbrar com esse conceito é a necessidade de incorporarmos ao processo de verificação histórica o elemento imaginativo (uma espécie de combinação de estilo literário a pesquisa de arquivos, documentos e imagens). como fundamental na produção de conhecimento. Assim, olhando e fazendo uma releitura do conceito para a realidade vivida e para as experiências dos sujeitos negros, podemos visualizar as "corporeidades gingativas" das jovens boxeadoras como fabulações críticas, isto é, como estratégias corporais de (re)encenação e reinvenção crítica dos arquivos corporais enquanto alternativa e recusa das representações coloniais imagéticas que colocam o corpo negro como capturável, matável e descartável. Essas jovens lutadoras estão indo na contramão da violência esmagadora das representações sob os corpos atléticos negros como possuidores de uma força sobrenatural e inata.

A performance de uma lutadora de boxe é profundamente cambiante, mutável e múltipla, assim como as técnicas cinestésicas que atravessam a execução das táticas do boxe. A partir das Leituras dos Black Studies², podemos visualizar a incorporação de uma corporeidade gingativa (aquele corpo que ginga, que executa ondulações cambiantes) como um constante e contínuo processo de (re)arranjo das dimensões estereotipadas, vividas, reencarnadas e reencenadas das experiências vividas das jovens boxeadoras. Seguindo esse mesmo rastro analítico do Black Studies, a performance das boxeadoras ressoa com o conceito de "mudança de forma" de Aimee Cox (2015), isto é, uma categoria para visualizar os modos de vida que jovens negras incorporam como uma estratégia para reorientar o lugar de seus

² Estudos negros ou Black Studies ou ainda estudos afro-americanos, é um campo acadêmico interdisciplinar que se centra principalmente no estudo da história, cultura e política dos povos da diáspora africana e de África. O campo inclui acadêmicos de literatura, história, política e religião afro-americanas, afro-canadianas, afro-caribenhas, afro-latinas, afro-europeias, afro-asiáticas, afro-australianas e africanas, bem como de disciplinas como a sociologia, a antropologia, os estudos culturais, a psicologia, a educação e muitas outras disciplinas das ciências humanas e sociais. Este campo de estudos se originou e se difundiu nos centros de pesquisa norte-americanos no final do século XIX com os acadêmicos negros, como por exemplo W. E. B. Du Bois, Melville Herskovits e Lorenzo Dow Turner.

corpos dentro, em movimento e na relação com as estruturas raciais e sociais do Estado racista. O conceito de "mudança de forma" sendo analisado na minha pesquisa possibilita evidenciar práticas corporais das jovens boxeadoras negras onde elas buscam transcender as fronteiras sociais e (re)imaginar possibilidades para si mesmas como sujeitas cidadãs no estado neoliberal que é ordenado a torná-los sem valor ou pertencimento. Já olhando através da lente de Thomas DeFrantz (2010), em especial com os seus conceitos de fluxo e ruptura, o autor acima mencionado elucidou no seu ensaio "Performing the Breaks: Notes on African American Aesthetic Structures" (2010), que o fluxo deriva de uma consciência comunal do pulso rítmico básico. O fluxo e o ritmo são aliados: um permite e inspira o outro. Isso pode não parecer evidente.

No entanto, nas estruturas expressivas negras, o fluxo emerge ao lado das estruturas de pulso rítmico, assim como define DeFrantz. Os fundamentos de pulso fluem e, trabalhando juntos, criam possibilidades para o "intervalo", para a "quebra". A ruptura é um espaço inesperado e incontrolável. É onde uma batida insistente é interrompida por um lampejo de ideias rítmicas contraditórias. Para esse intelectual "o intervalo é o gesto mais significativo da performance negra, pois contém tanto o empate a um fluxo rítmico onipresente e o potencial de anarquia e ruptura." Além disso, DeFrantz enfatiza que, a "quebra" cria um espaço liminóide que permite aos ouvintes atentos um lugar para entrar na performance. No boxe, o gingado é a possibilidade de expressão da criatividade corporal de cada boxeadora, como eu concebo aqui, é uma prática corporal expressiva particular, assim como afirmou a boxeadora Miriam; "cada boxeadora elabora o seu gingado, depois que tiver aprendido todas as técnicas, o gingado vem espontaneamente, como se o corpo sempre soubesse fazer aquilo." Nesses termos, podemos considerar o conceito de "fluxo" e de "ruptura" como técnicas que percorrem todo o trabalho desenvolvido na produção corporal das boxeadoras.

Nesse sentido, se for possível olharmos para o corpo que luta, isto é que ginga, e em especial, olhar para o gingado como o corpo que executa a "quebra" e o "fluxo", podemos visualizar as lutadoras performando a atuação das encruzilhadas vividas, encenadas e (re)encarnadas; é como se as boxeadoras executassem uma linguagem criativa corporal construída sobre articulações enfáticas e improváveis do

corpóreo, uma vez que envolve a imprevisibilidade das adversárias, comunidade, objetos e a atuação da luta de cada uma na relação com todos esses elementos.

Neste tópico vislumbrei como as discussões suscitadas em torno do tema da performance podem ser abordadas aqui tomando em consideração o campo teórico dos estudos de arte, performance e os Estudos Afro-brasileiros através da lente de Leda Maria Martins num contraponto com os recentes trabalhos de intelectuais da área de Black Studies, como Saidyia Hartman (1997), Thomas DeFrantz (2010) e Aimee Cox (2015).

Representação ou fabulação: performances artistas entre garotas negras boxeadoras

A obra de Victor Turner (1982) é uma das primeiras no âmbito da tradição antropológica dos estudos de performance que podem ser identificadas como contribuição para definir como os “dramas sociais” e seus correlatos corporais podem dar à antropologia alguns de seus melhores exemplos de conflitos em nível local, além de enfatizar a partir dessa noção de que a performance como encenação estruturada de contradições sociais pode tornar-se visíveis e passíveis de manipulação.

No entanto, mesmo nos estudos de performances os métodos antropológicos simbólicos e estruturalistas não tendiam a ver o corpo vivido de múltiplas variáveis e esses corpos não entravam nas discussões de performance. Os estudos de Marcel Mauss e Victor Turner são exceções parciais, pois confiam em um indivíduo psicologizado como veículo de mediação entre o corpo e a sociedade, abrindo assim uma porta para os mundos internos da experiência vivida. No entanto, eles também presumem uma “mente” um tanto etnocêntrica ou padrão de necessidades e motivos que habitam o corpo que descrevem. O movimento fenomenológico do final do século XIX marcado pelo trabalho de Merleau-Ponty tornou-se emblemático a este respeito pois trouxe o argumento de que o corpo está sempre presente na experiência. Para ele, ter um corpo significa inevitavelmente que se está corporificado; a consciência pode existir apenas como mediada através da incorporação experiente. O corpo nunca é, portanto, simplesmente um objeto físico,

mas sim uma encarnação e corporificação da consciência e o local onde a intenção, o significado e toda a prática se originam.

Nesse sentido que a contribuição de Saidiya Hartman entra nesse estudo. Uma vez que a autora traz a problemática da percepção da vida corporal em suas formas reais empíricas e materiais e elenca o estudo da performance dentro de variações culturais, naturais e históricas. A obra de Hartman “Cenas de Sujeição” (1997) ilumina uma perspectiva dos corpos dentro de formações sociais, políticos, subjetivos, objetivos, discursivos, narrativos e materiais de uma só vez. Esses corpos são também culturalmente e historicamente específicos, enquanto ao mesmo tempo mutáveis. Além disso, a autora ilumina o entendimento de que um retorno ao corpo como assunto principal e objeto de estudo é um olhar para o que o corpo faz em ambas as suas performances, sejam elas cotidianas ou encenadas. A autora reivindica o foco para as práticas incorporadas da performance. E aqui torna-se crucial discutir como a noção de performance no trabalho de Saidiya Hartman (1997) é colocado na relação com negritude, entendida por ela como conjunto de relacionalidades. Segundo a autora, a performance é mediada por conjuntos de proibições e permissões que são fundamentadas em estruturas.

Nesse sentido, qualquer noção de corporeidade negra e seus registros frequentemente escapam e excedem as próprias performances através das quais eles desejam dar visibilidade. Ou seja, a corporificação da negritude, segundo a autora, não revela uma “certeza” fixa do corpo negro, mas, sim, voltam à estabilidade da categoria da performance em si. Se pegarmos a noção de ciclo de reparação³ de Victor Turner, que enfatiza um constante fazer, desfazer e refazer de condições sociais, e essa noção de performance conforme vislumbrada por essa autora, como algo ambivalente e contínuo, ficará mais visível evidenciarmos quão o status da performance está em crise, isto é, o que está sendo realizado sempre terá significados e sentidos polivalentes e ambivalentes, uma vez que as próprias condições que

³ De acordo com Turner, a reparação de crises, a terceira das fases dos dramas sociais, é propício para restaurar a ordem e reparar as violações de integridade na vida dos indivíduos, mas também, o ritual não é o único modo de reparação de conflitos. A terceira fase do drama social, a reparação pode variar de acordo com a profundidade ou significação social da ruptura geradora de crise, ou seja, podem configurar-se por serem conselhos pessoais, ação jurídica ou um ritual público (TURNER, 1957, p. 92).

produziram o corpo disciplinado e o corpo como objeto e instrumento asseguram que o ciclo de restauração e recompensa estará inevitavelmente incompleto. No entanto, mesmo compartilhando da ideia de Hartman de que a violência estrutural racial foi e é determinante da condição negra, há uma outra questão que o trabalho de Hartman provoca para minha pesquisa, que diz respeito ao fato de que já está dado que este corpo negro sofrido não pode (re)inventar-se ou que o status de crise através da performance já coloca este corpo ou como sofrido ou como estereotipado.

Nesse sentido, a produção corporal e a performance das boxeadoras apresentam a possibilidade de fazer da experiência vivida de “enfrentamentos” e “superações” uma reencenação dessas experiências que aponta para a co-emergência de uma nova estética corporal e a criação de uma (re)existência ontológica levando em consideração os processos de racialização e seus atravessamentos de gênero, raça e classe. Essas evidências do campo mobilizaram a intersecção dos debates sobre arte, ativismo, performance, corpo e raça que se manifestam nas expressões: “trabalhar a resistência”, “criar forças” e “raçuda”. Essas, dentre outras expressões, são âncoras para o entendimento das relacionalidades entre corpos e suas performances, seus movimentos e mais amplamente seus modos de construir corpos ativos e ativismos entre jovens negras boxeadoras no Rio de Janeiro.

Performance e representação: borrando os binarismos coloniais

Foto retirada do Instagram pessoal de Juci, atleta nacional de Boxe. Legenda: Meu palco, meu refúgio, meu amigo.

Uma mulher. Luvas e pés no chão. Mãos abertas. Corpo. Repouso. Na foto acima, retirada de uma publicação das redes sociais de Juci, a boxeadora está sentada, com o corpo lançado sobre as cordas de um ringue. O semblante relaxado e os braços em repouso sobre as cordas. Pernas entreabertas, pescoço inclinado para trás e coluna fundeada. Cabeça apoiada com outras cordas do ringue dão sustentação para a completez da pose fixada em imagem. Um feixe de luz não permite ver se os olhos da atleta estão cerrados ou somente cessaram movimento por um instante. A roupa que Juci usa tem os tons de vermelho e rosa e contrastam com as cores opacas e cinzentas do salão de treino de boxe. Há uma saia longa que veste seu corpo e se estende até o chão do tablado de luta e é seguida por vários pares de luvas que estão ao redor de Juci. Ao fundo estão vários quadros pendurados. São molduras com fotos de atletas, campeonatos e notícias de jornal sobre boxe no Brasil. Há uma luz no fundo indo na direção da cabeça de Juci. Entre as frechas de uma porta entreaberta há também um raio de luz. Cores, feixes de luzes, quadros, pernas, braços, cordas de ringue e um corpo compõe o ato performativo da boxeadora nesta foto. A legenda expõe: Meu palco, meu refúgio, meu amigo. As hashtags ringue, boxe e luta acompanham a imagem e a legenda com uma figurinha/emotions de um templo.

Trago essa vinheta imagética para enfatizar a produção de performances nos ringues e os modos corporais de fazer vida através de atos performativos entre as boxeadoras. Além disso, esta imagem nos lembra também como os sujeitos negros usam o teatro e a performance para falar da dor e ao mesmo tempo da força vital. Seguindo o que vislumbrou Lelia Gonzalez (1983), Beatriz Nascimento (1987), Marlene Cunha (2022) e Sueli Carneiro (2000) o corpo pode ser o rastro primeiro para a liberdade e a fuga dos povos em diáspora negra. No tocante a este assunto é importante lembrar, também a obra "Imagens e Progresso" (2012) de Frederick Douglas, onde o autor faz um exame profundo da relação entre a luta de libertação dos negros nos EUA e a fotografia, e como os vários movimentos envolvidos nos direitos civis usaram imagens para defender a política da transformação, desafiar estereótipos e mudar narrativas da mídia.

Essa imagem traz o debate sobre o ato de se autorepresentar e esse ato como um direito importante na construção da autonomia negra. Douglas define assim o ato de se autorepresentar, sublinhando que até mesmo a mais pobre escrava ou empregada doméstica poderia representar a si mesma como quisesse ser vista. E essa representação nunca é apenas política ou apenas cultural. Elas estão sempre profundamente interligadas. De outro modo, as ênfases nos atos performativos dessas jovens são analisadas aqui como inseparáveis de sua racialização.

De outro modo, é precisamente a produção corporal da performance das boxeadoras que simultaneamente marca sua diferença racial e supostamente a diferencia de outras jovens. Indo além, na imagem acima, em vez de Juci performar uma mulher forte, dura e resistente ela faz uma rejeição direta das imagens racialmente opressivas sobre o seu corpo e que atribuem a ela um corpo fungível e durável. Com o corpo relaxado, expressando repouso e pausa na luta, ela rejeita as imagens de um corpo raçudo como um corpo fixo, imóvel e sempre atrelado a imagem de guerreiro, forte e resistente, que está na ativa enfrentando tudo e todos. A boxeadora reproduz uma imagem com características que expõe a complexidade e as contradições que produzem a corporalidade da boxeadora e a torção na ideia de que seus corpos são fixadamente corpos fortes, resistentes e impenetráveis. Como substituto a esses estereótipos raciais sobre o corpo da mulher negra, a boxeadora Juci reproduz a tranquilidade, a serenidade e quietude nesta imagem. Conforme

apontou a atleta: Eu sou tranquila e calma, muitos dizem que não tenho cara de boxeadora porque tenho rostinho delicado, como se para ser boxeadora precisasse ter o corpo e rosto só de um jeito e pronto.

A presença de vestimentas que são atribuídas a feminilidade como, por exemplo, saia e vestido, é usado por Juci, demonstrando uma forma que ela encontrou para a refutação de significados e sentidos de delicadeza e sensibilidades associadas a sua corporalidade. A boxeadora está interessada em produzir uma imagem que em vez de simplificar e resolver a representação da visualidade do seu corpo, possa ampliar os significados e sentidos associados a ele e desconstruir noções inertes e estereótipos raciais, como por exemplo: que toda boxeadora é durona, tem cara de mal e é lésbica. Além disso, Juci revela a complexidade dos processos de (re)significação da subjetivação racial que atravessam a prática cotidiana de criar seu corpo e sua corporalidade como boxeadora num contexto racializado como mostra essa imagem abaixo.



Importante destacar, que essa imagem de Juci não resolve a complexidade dos corpos atléticos como corpos fortes e duráveis e ao mesmo tempo descartáveis e nem tem essa pretensão, mas movem, borram e criticam através da empatia entre o olhar dos seguidores da sua página de instagram e sua narrativa imagética de representações de hipervisibilidade que perseguem os corpos das jovens negras,

retirando do seu horizonte categorias gerais, universais e únicas. As fotos insistem e lembram os leitores que a corporalidade da garota negra lutadora é constituída por camadas múltiplas, cambiantes e mutáveis, como expresso na legenda: Delicada, mas não se engane. Juci usa a performatividade teatral e a performance para falar da dor, da resistência e da força vital. Como nos lembra Smith (2018) a performance como relação de ato e fala, como relação discurso e ação, discurso e prática, andam juntas na vida de pessoas negras. O que é dito e o que é praticado caminham lado a lado, as boxeadoras estão praticando e fazendo seus corpos em treinos e elaborando discursos, falas e atos nas suas páginas do instagram. Smith nos lembra também que se a performance funciona como direito de atuação da violência, então uma chave para a sua anulação é também a performance.

Neste sentido, as boxeadoras estão desconstruindo estereótipos raciais e ampliando as visualidades dos seus corpos através das redes sociais. As boxeadoras estão usando a performance como método e estética de escreverem suas histórias e narrativas sobre como estão resignificando suas subjetividades raciais. Seguindo Harrison (1990), as jovens negras, no decorrer da história, têm usado a performance não somente como uma estética, mas como modo de escrita criativa. Considerando as imagens e postagens como atos performativos das boxeadoras, vislumbro como as jovens negras estão escrevendo suas histórias em redes sociais e (re)fazendo visualidades e representações estereotipadas associadas aos seus corpos.

Conclusão

Este artigo evidenciou como as produções de corporalidades feitas por jovens garotas negras no espaço social das artes marciais expande e complexifica a noção de ativismo, arte, performance e corpo negros atléticos. Além disso, sublinha a importância da emergência de novos olhares para os conceitos de ativismo, arte e corporeidade colocando no centro os conceitos de representatividade e a performatividade que interpelam para as diferenças entre uma performance negra e a performance em si, evidenciando as relações de poder inscritas nos modos de ver, experienciar, se relacionar e mostrar ao mundo o que se vivencia.

Além disso, esse artigo trouxe breves insights sobre como vida cotidiana, plateia, adversárias, objetos e espaço público e espaço íntimo (subjetividade) nas artes marciais podem ser levados a sério pelos estudos que discutem as zonas de desfronterização entre arte e vida, como Lúcia Helena Martins e Anna Stegh Camati (2014) elucidam no artigo "A live art e o espectador em Das saborosas aventuras de Dom Quixote de la Mancha e seu fiel escudeiro Sancho Pança – um capítulo que poderia ter sido", mostrando que quando um espetáculo/intervenção invade a rua, ele se apropria da teatralidade do real. Nesse sentido, em que medida a prática da arte marcial por garotas negras do Complexo da Maré re-significa, re-encena e re-dimensiona a realidade da luta diária e cotidiana com gestos e corporeidades da teatralidade do real?

De modo mais amplo este artigo é um convite para que os estudiosos e estudiosas dos esportes, feminismos e estudos de gênero dialogue de forma mais íntima e densa tanto com os estudos de performances (negras), quanto também com os estudos de artes, pois como pontuou Stela Fischer (2018), o encontro entre diferentes áreas de conhecimento impulsiona abordagens de outras epistemologias e estabelecem uma reação crítica diante da - ainda predominância - dos saberes hegemônicos, além das suas contribuições para a criação de ações disruptivas institucionais.

REFERÊNCIAS

ABREU NOGUEIRA, Juslaine de Fátima; MELO, Helena de Martini. (Re) Conhecer-se aos olhos de outra: um olhar sobre retrato de uma jovem em chamas. **Revista científica/FAP**, 2022, Vol. 26(1), p.360-387.

ADELMAN, M. Jovens no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11- 29, dez. 2007.

ALMEIDA, Verônica Fabrini Machado de. Outras Cassandras e as classes perigosas. **Art Research Journal**, 2019, Vol.6 (1).

AYCOCK, Colleen; SCOTT, Mark (eds.). **The First Black Boxing Champions: Essays on Fighters of the 1800s to the 1920s**. Jefferson, N.C.: McFarland Publishers, 2011.

BERTÉ, I. L. **Mulheres no universo cultural do boxe: as questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo (2003-2016)**. 2016.

119 f. Dissertação (mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2016.

BUTLER, Judith. **“Subversive Bodily Acts” Gender Body: Feminism and the Subversion of Identity.** New York: Routledge, 101-180, 1999.

BUTLER, Judith. **The psychic life of power: theories in subjection.** Stanford: Stanford University Press, 1997.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity.** New York; London: Routledge, 1999.

CALHEIRO, Ineildes. **As mulheres árbitras de futebol: um estudo sobre tecnologias de gênero e perspectivas da divisão sexual do trabalho.** Dissertação (mestrado em Crítica Cultural) — Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural. Alagoinhas, Universidade do Estado da Bahia, UNEB, 213f, 2016.

CARNEIRO, Sueli. **A conferência sobre racismo.** Correio Braziliense, 7 jul. Coluna Opinião, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment.** Routledge, 1999.

CUNHA, Olivia Maria Gomes da. Reflexões sobre biopoder e pos-colonialismo: relendo Fanon e Foucault. **Mana**, vol.8 no.1, Rio de Janeiro, Apr. 2002.

CUNHA, Marlene. **Em busca de um espaço.** Subtítulo: A linguagem gestual no Candomblé de Angola. Autora: Marlene Cunha. Editora: Hucitec, 2022.

CRUZ, Aline Torres Dias da. **Sobre dons, pessoas, espíritos e suas moradas.** Tese de doutorado. Museu Nacional. UFRJ, 2014.

DEFRAANTZ, Thomas. **“Performing the Breaks: Notes on African American Aesthetic Structures”**, s/r, 2010.

DOUGLAS, Frederick. **PICTURES AND PROGRESS early photography and the making of african american identity**, Duke Press, 2012.

DU BOIS, W. E. B. **The Souls of Black Folk.** New York: Bantam Classic, 1903.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e as Bruxas.** São Paulo: Elefante, 2017.

FERGUSON, Roderick. The nightmares of the heteronormative, **Cultural values**, 2000, Vol.4 (4), p.419-444p.

FERGUSON, Roderick. **The Reorder of Things**, The University and Its Pedagogies of Minority Difference, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo: ed. Oficina de Imagem Política e Living Commons, 2019.

FISCHER, Stela. A crescente disseminação dos estudos feministas na pesquisa em Artes cênicas e suas contribuições para a criação de ações disruptivas institucionais. **Urdimento**, 2018, Vol.3 (33), p.296-310.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

FOUCAULT, Michel. The subject and power. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul (Eds.). **Michel Foucault: beyond structuralists and hermeneutics**. Chicago: The University of Chicago, 1982, p. 209-226.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1966. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOX, Richard. **The Lives and Battles of Famous Black Pugilists**. 1897. ENCINOSA, Enrique. "Boxing: This is it". 2004.

GRESPLAN, Carla Lisboa. **Jovens no octógono: performatividades de corpos e de sexualidades**, Dissertação. 2014 Ver em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/107263>.

GOMES, Barbara Pires. **A gestão da integridade: corpo, sujeição e regulação das variações intersexuais no esporte de alto rendimento**, Museu Nacional. Tese, 2020.

GONZALEZ, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

HARTMAN, Saidiya. **Seduction and the Ruses of Power**. Callaloo 19 (2): 537-60, 1996.

HARTMAN, Saidiya. **Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth Century America**. New York: Oxford University Press, 1997.

HARTMAN, Saidiya. **Venus in Two Acts**. Small Axe, v.26, 2008, p.1-14.

INGEN, Cathy Van. "Perceber o que enquadra o nosso olhar: procurando histórias sobre lutadoras negras nos primórdios do boxe", **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-24, jul./ dez. 2016.

INGEN, Cathy Van. "Seeing What Frames Our Seeing": Seeking Histories on Early Black Female Boxers, 2013, **Journal of Sport History** 40(1):93-110.

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. RAVETTI, Gabriela; ARBEX, Márcia (org). Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG: Poslit, 2002.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o reinado do rosário do jatobá. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MARTINS, Lúcia Helena; Comati, Ana Stegh. A live art e o espectador em "Das saborosas aventuras de Dom Quixote de la Mancha e seu fiel escudeiro Sancho Pança - um capítulo que poderia ter sido", **Urdimento**, 2019, Vol.1 (22), p.157-166.

MIRANDA, Mônica Regina. **Uma análise das noções e das práticas interseccionadas no movimento de mulheres Negras Afro carioca**. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFF, Dissertação, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. **Arquivo Nacional**. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Caixas 7, 12, 17, 26, 05 e 08. 1985;1987.

OLIVEIRA, Cilene Lima. **"É coisa de maluco!"**: construção de corporalidade e a noção de pessoa em ultramaratonas, RBA, Brasília, 2018.

POPE, S.W. Decentering 'Race' and (Re)presenting 'Black' Performance in Sport History. In: PHILLIPS, Murray G. (ed.). **Deconstructing Sport History: A Postmodern Analysis**. Albany: State University of New York, 2006. p. 147-177.

PRECIADO, B. **Manifiesto contra-sexual**. Madrid: Editorial Opera Prima, 2002.

PROBYN, Elspeth. **Sporting Bodies: Dynamics of Shame and Pride**. Periódico Body e Society, Vol.06, 2000.

REEJHSINGHANI, Anju Nandlal. **For blood or for glory**: a history of Cuban boxing, 1898-1962. Tese. The University of Texas at Austin, 2009.

RODRIGUES, Vera. **Mulheres Negras Resistem**: território, raça/cor e gênero. São Carlos: Pedro & João Editores, 77p, 2020.

SUGDEN, Jonh. **Boxing and Society**. Manchester University Press. 1996.

TAVARES, Julio Cesar. **Danca de guerra-arquivo e arma**: elementos para uma Teoria da Copoeiragem e da Comunicação Corporal Afro-brasileira. Belo Horizonte: Nandyala Livros e Servicos Ltda, 2012.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002, 294p.

Recebido em: 02/08/2023

Aceito em: 13/11/2023